



UBUNTU: O SERVIÇO SOCIAL EM MINAS GERAIS NO COMBATE AO RACISMO

Ubuntu é a filosofia africana que, em sua essência, nutre o conceito de humanidade através do respeito, da solidariedade e da luta por uma sociedade sem opressão. Em resumo, Ubuntu seria humanidade para com as outras pessoas e, de alguma maneira, se relaciona com o projeto ético e político do Serviço Social brasileiro. Em tempos de uma vida mecânica, meritocrática, que envolve a financeirização das relações sociais e o neoconservadorismo como expressão máxima da tentativa de uma ética seletiva, a profissão, através das suas entidades de representação, propõe intensificar as ações contra o racismo.

Para que? Por quê? Com quem? Estas perguntas são parte de uma resposta que se apresenta por meio das impressões que nós, assistentes sociais, em Minas Gerais, devemos refletir coletivamente. No Seminário Estadual de Serviço Social e Direitos Humanos, promovido pelo CRESS-MG, em junho de 2019, fomos 112 pessoas presentes oriundas de 25 municípios, representando diversos territórios: éramos assistentes sociais, estudantes e militantes dos movimentos sociais que combatem cotidianamente o racismo na sociedade.

Não diferente do restante do Brasil, temos na formação sócio-histórica do nosso estado, o escravismo, a violência e o latifúndio como cicatriz impagável. Os povos indígenas, comunidades quilombolas, vazanteiros, geraizeiros, canastreiros e outras tantas comunidades tradicionais, além das milhares de famílias que residem na precariedade das vilas e favelas dos centros urbanos são provas de que este passado ainda é muito presente.

Nossa categoria profissional atende e também faz parte deste público: somos em maioria, negras e negros. Combater o racismo está intrínseco ao nosso projeto ideopolítico e o Seminário Estadual reafirmou isso, propiciando reflexões sobre o racismo na dimensão da formação e do trabalho profissional, alinhando ao diálogo frente a teoria crítica e a interseccionalidade, pois, afinal, não se pode lutar contra as mazelas deixadas pela opressão étnico-racial sem considerar gênero, sexualidade e classe social.

A decisão política da atual gestão do Conjunto CFESS-CRESS em ter como tema de campanha “Serviço Social contra o racismo” é um ganho para toda a classe trabalhadora, especialmente no contexto atual. Os diversos espaços de resistência construídos nestes anos, como o Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (Cenarab), em Belo Horizonte (MG), e a produção de materiais

técnico-científicos às notas públicas são alentos em um contexto que urge tratarmos das questões raciais. Algumas destas, próprias da luta que o Serviço Social mineiro tem empunhado, tais como:

- Em Minas Gerais, o massacre no campo avança a cada dia. Com isso, as centenas de comunidades quilombolas estão sendo alvo da cobiça do coronelismo que visa ampliar latifúndios para o agronegócio. A defesa dos territórios quilombolas deve ser debatida nos espaços sócio-ocupacionais, em especial nestas cidades, no intuito de fortalecer a cultura africana e a ancestralidade como resistência em tempos de barbárie;
- A violência policial nas vilas e favelas, alinhada à ótica de combate às drogas, criminaliza e condena, todo ano, dezenas de milhares de jovens negros à prisão. Minas Gerais é o segundo maior polo penitenciário do país e a realidade apresentada por assistentes sociais do Sistema Prisional precisa ser dialogada. Mesmo na precariedade do espaço de trabalho, nossa categoria procura tecer junto aos movimentos sociais a crítica sobre o real motivo de termos tantas prisões e tantas encarceradas e encarcerados;
- Fome, palavra que é consequência de diversas mazelas, como o desemprego, a pobreza e a precariedade dos direitos sociais e da rede de proteção social. Esta expressão da questão social afeta especialmente a população negra no campo e na cidade. A ausência do financiamento público e o sucateamento da Seguridade Social nas diversas políticas públicas ampliam os desafios de assistentes sociais. A atuação profissional deve propor, antes de qualquer ação prática, uma reflexão crítica sobre o cenário. Disso trata a Campanha do Dia da e do Assistente Social de 2019, “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro”, que buscou dar visibilidade a questão racial enquanto bandeiras de luta do Serviço Social, a nível nacional, e tratadas em inúmeros eventos por todo o estado.

Os debates levantados por este documento não podem ficar apenas no papel, mas, sim, ser um meio na função de denúncia social, reflexão política e ética da categoria profissional sobre o racismo. A atuação das e dos assistentes sociais deve se engajar nas lutas sociais e ser promotora de um amplo diálogo com todas, todes e todos. A classe trabalhadora deve construir nas tensões do cotidiano uma outra ordem de sociedade, pois no capitalismo não há espaço para os tão lindos sonhos que sonhamos: entre eles, o sonho da liberdade. Ubuntu!

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS
CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL DE MINAS GERAIS (CRESS-MG)
GESTÃO LUTAR, RESISTIR E SONHAR (2017-2020)